

IMPRESSÃO DAS IMPRESSÕES

RELATO DE VIAGEM A ISRAEL

Rogel Tavares¹

Eu nasci em 1975, seis meses após do início da guerra civil libanesa que aconteceu dois anos após a guerra do Yom Kippur, quando a região de Israel já estava reconfigurada há oito anos pelos conflitos de 1967 e o Estado de Israel e a Nakba completavam seus 27 anos. Todos esses eventos, em maior ou menor grau, sucederam como desdobramentos e readequações geradas pelo então quase sexagenário acordo Sykes-Picot.

Nada disso afetava a mim diretamente, que havia nascido no Hospital Israelita de São Paulo. Eu estava distante em tempo e espaço de todas essas coisas, as quais fui apresentado em primeira mão pela televisão. Lembro-me do dia do meu aniversário, quando completei seis anos de idade, e Hosni Mubarak assumiu o poder no Egito. Muitos estavam ligados em todas as notícias sobre a região. Eu me perguntava: “Como alguém pode se interessar mais por algo que acontece tão longe do que com o meu aniversário?”

Cresci com a ideia alimentada pela mídia de que o Oriente Médio era uma região habitada por gente indomável, lugar de conflitos insolúveis, um pedaço de chão no meio do mundo regado a sangue, e que somente a morte coletiva poderia trazer algum consolo, diante de tantas atrocidades.

Em 1997 ingressei no curso de teologia e me despertei para a questão da intolerância histórica entre judeus e cristãos, para o problema do antissemitismo em

¹ Rogel Maio Nogueira Tavares é formado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). É responsável por dois projetos em Israel, Egito, Jordânia e Turquia: Mundo da Bíblia, e Intolerancianao. É também membro integrante do Grupo de Trabalho sobre Oriente Médio e Mundo Muçulmano GTOMMM - LEA/USP.

suas mais diversas formas e consequências, e também para o modo como o cristianismo foi moldado por estes conflitos viscerais.

Nove anos depois, já formado, eu desembarcava em Israel para tentar compreender de perto a essência de todos esses fenômenos. Até então, eu percebia a questão do Oriente Médio por meio de informações por vezes tendenciosas e a serviço de interesses outros, conceitos extraídos de livros esquecidos e de alguns documentários, de alguma forma tendenciosos, como é de se esperar daquilo que procede da interpretação humana.

Após uma pesada fiscalização no posto de controle do aeroporto Ben Gurion em Tel Aviv, segui em frente para me encontrar com aquilo que mudaria minha vida e meu modo de pensar de forma radical. Ao me deparar com a realidade da região, percebi que minha área de interesse tinha sua importância, mas que a questão do conflito em andamento e suas diversas subdivisões, me impressionavam mais do que o tema que eu estava pesquisando. Comecei a notar a quantidade de pontos de tensão entre árabes e judeus, muçulmanos e judeus, xiitas e israelenses, árabes cristãos e árabes muçulmanos, judeus e judeus, árabes e árabes e outros infinitos grupos e subdivisões com suas diversas narrativas. De fato, essa pluralidade de divergências me perturbou. O que começou com um interesse por entendimento mais amplo dos meandros históricos da religião acabou por evoluir para um despertar a respeito do panorama político em seus diversos cortes.

Em 2006, ao entrar em Israel, conheci pessoas que apresentavam discursos distintos. Pessoas com tendências de direita, ultradireita, nacionalistas, esquerdistas, militares, laicos e religiosos. Desse modo, entendi que, em Israel, apesar do forte apelo unificador em torno do discurso político do Estado, as pessoas não compartilhavam da mesma visão, principalmente acerca dos conflitos. O mesmo ocorreu também quando entrei nos territórios palestinos, onde havia um discurso dos grupos de interesse e tomadores de decisão. No entanto, as pessoas que eu conheci não possuíam a mesma forma de articular os motivos e soluções dos problemas entre Israel e Palestina. Toda fala era muito segmentada, dividida em visões políticas e religiosas distintas. Fiquei chocado e me lembrei das diversas vezes que ouvi: “Israel quer”, “os palestinos vão”, “os judeus acreditam que”, “o Egito quer” “os moradores de Gaza não querem mais”, “Israel decidiu”; pois esses coletivos não existiam na realidade. As visões eram muito mais fragmentadas.

Em 2008 novamente em Israel, liderei um grande grupo inter-religioso formado por cristãos, judeus e interessados em geral pela região. Eu era o responsável pela operação e por fornecer um conteúdo e contexto histórico aos interessados. Aquele era o momento em que o Hamas já havia se estabelecido em Gaza. O plano para manter a OLP no poder na região tinha fracassado. O Hamas dispunha de certo apoio popular e todos sabiam que algo estava para acontecer; contudo, havia relativa paz. Percebi que meu grupo, naquele ano, não se interessou muito pelo conflito.

Em 2009, também à frente de um grupo de turistas e estudantes, chegamos na região em Janeiro em plena operação "*Chumbo Fundido*". Os ataques entre Israel e Gaza estavam pesados. Elaborei o percurso propositalmente com guias de diversas linhas ideológicas: militares israelenses, judeus de direita e esquerda, palestinos cristãos e árabes. Podíamos ouvir os israelenses dizendo: "Olhem, eles estão nos atacando, por isso estamos revidando, isso a mídia não mostra [...] contem isso às pessoas no Brasil". Outros diziam: "Isso tem que acabar, não podemos mais suportar. Uma coisa dessas é injusta!"

Quando nos encontrávamos com os palestinos, ouvíamos: "Vejam a agressividade do ataque, estamos morrendo e o mundo não está vendo, não temos poder de fogo igual [...] contem isso no seu país, vocês têm que nos ajudar". Outros palestinos diziam: "Vejam o que o Hamas conseguiu. Vamos pagar com nossa vida suas provocações contra a Israel, nossos filhos não merecem isso, só queremos viver em paz, com dignidade e liberdade."

Muitos palestinos de Gaza e da Cisjordânia eram contra tudo o que estava ocorrendo, como muitos judeus israelenses também. Eu não conseguia dizer de que lado estava a razão, pois, de fato, os dois discursos eram genuínos. Cada lado tinha suas impressões baseadas em uma narrativa concisa de suas próprias interpretações. Assim, não havia um único modo de pensar ou uma narrativa única de cada lado. O grupo de viajantes que estava comigo ficou muito interessado com a dimensão do conflito, suas causas e desenvolvimento. Queriam saber quem era o culpado, mas não conseguiram. A verdade é que eram muitos e nenhum ao mesmo tempo, pois era difícil estabelecer uma continuidade no sentido das múltiplas narrativas. Voltamos para casa com uma mistura de impressões desequilibradas. Tudo dependia da narrativa que estávamos ouvindo no momento em nossas mentes. Este choque, gerado pelas diversas falas, acompanhado pela imagem de cada um deles - alguns se expressando com nervosismo, inconformados, com choro e raiva - resultou em uma mistura de impressões antagônicas. O que, do

ponto de vista educacional, era muito mais interessante na minha forma de pensar. Até hoje, boa parte desse grupo tem um grande interesse pelos acontecimentos da região, troca notícias, títulos de livros e artigos pelas redes sociais, avisa quando ocorre algum debate ou palestra interessante sobre aquilo que viu. Para eles, estar presente durante o conflito fez uma grande diferença na compreensão da situação e despertou grande interesse pela região.

Em 2010 estive mais de uma vez na região com grupos religiosos, documentaristas e etc... A viagem seguiu como se acontecesse em qualquer outro lugar do mundo. As pessoas visitaram locais turísticos, tiraram fotos, compraram seus *souvenirs*, experimentaram os sabores da região e voltaram para casa desconectadas dos acontecimentos políticos locais.

Em janeiro de 2011, chegamos ao Egito em plena revolução de Lotus, também conhecida como Revolução do Nilo. Vi milhões de pessoas na praça Tahrir, algo que nunca havia presenciado antes. O povo não suportava mais o regime de Hosni Mubarak, o país estava em pleno descontrole influenciado pela Primavera Árabe. Havia duas vertentes de pensamento. Por um lado, um grupo sinalizava apoiar um nome da Irmandade Muçulmana, por outro, muitos se opunham, principalmente por julgarem que alguém da Irmandade mudaria a tradição política egípcia que, desde Gamal Abdel Nasser, mantém fortes laços seculares. Os apoiadores da Irmandade Muçulmana argumentavam que somente a verdadeira essência religiosa poderia trazer paz, controle e poder ao país. Mas muitos egípcios não desejavam ser religiosos no modelo da Irmandade.

O povo nas ruas não queria Mubarak, mas tampouco sabia ao certo o que queria. Civis e militares estavam em descompasso. Tivemos de ficar um dia sem poder sair no hotel quando a agressividade chegou a níveis extremos. No primeiro momento que a fúria se deslocou de perto do nosso hotel, fugimos em dois ônibus escoltados por um comboio de militares, formado por caminhões de soldados e tanques de guerra em direção ao sul, para a região do Sinai, onde os eventos estavam aparentemente mais calmos. No Sinai, ficamos um dia estacionados e, na primeira oportunidade, fomos à fronteira com Israel, em Taba, por onde deixamos o país. Era um grupo grande, e todos até hoje se interessam por aquilo que a mídia apresenta sobre o Oriente Médio com um tom muito mais crítico. Leem livros sobre o assunto continuamente. Muitos voltaram mais de uma vez depois daqueles dias de fúria.

Em 2012, estive mais de uma vez entre Egito, Israel e Jordânia. Meus grupos foram fracionados entre Janeiro e Julho nestes países. Houve um sequestro envolvendo duas brasileiras na região do Sinai, no Egito, durante o mês de Março; membros do grupo cujo líder, chamado Mustáfa, era um grande amigo e professor meu. Tudo estava "quente" naquela geografia, mas conflitos só iriam acontecer no final do ano, após a morte de Ahmed Said al-Jabari². Sendo assim, não vimos nada de muito especial que mexeu com as pessoas. O padrão das fotos, explicações e lojas foi mantido. Posteriormente, ninguém desenvolveu muito interesse pelo Oriente Médio.

Em 2013 cheguei à região logo após a operação Coluna de Nuvem, feita por Israel em Gaza. Era um momento interessante, pois tanto líderes israelenses como do Hamas se julgavam vencedores e se sentiam mais fortes. Com Mohamed Morsi no poder do Egito, o Hamas se sentia fortalecido e com fontes inesgotáveis de abastecimento. É bom lembrar que a Irmandade Muçulmana e o Hamas tem um passado comum. A Irmandade foi muito oprimida sob o Egito de Nasser, pensou que teria seu momento de glória quando Anwar Sadat subiu ao poder e até mesmo no início do governo de Mubarak - que por fim os oprimiu também. Agora eles estavam no poder, Morsi se mostrou presente e fundamental nas negociações para o cessar-fogo. Parecia ser o grande momento de triunfo da Irmandade. Contudo, o Egito começava a mostrar sérios sinais de descontrole político. A Irmandade Muçulmana usava a roupa da democracia para implantar outro modelo político. Eu tinha uma viagem marcada para retornar ao país em Julho. No dia 3 de Julho, enquanto estava embarcando com meu grupo no Brasil em direção ao Egito, recebi a notícia que a praça Tahrir estava novamente ocupada, a crise política afetava o presidente eleito Mohamed Morsi a ponto de acabar deposto pelo exército. Cheguei no dia da queda e nosso grupo tinha uma aula marcada no Museu do Cairo, bem em frente à praça Tahrir. Os poucos grupos de turistas que chegavam ao Egito estavam com medo. Eu guiava um grupo de fiéis da Igreja Adventista do Sétimo Dia e quando Adly Mansour assumiu o país como presidente interino correu na mídia internacional e local um boato de que ele seria membro desta denominação religiosa.³ Fiquei apreensivo, pois os Adventistas do Sétimo dia observam a guarda do sábado judaico e as notícias diziam que

² Ahmed Said al Jabari era um ativista político que foi morto por uma operação conjunta entre a Tzahal e o Shin Bet em 14 de Novembro de 2012. Ele era o segundo líder no comando das Brigadas Izz al-Din al Qassam, o braço militar do Hamas. Al Jabari era conhecido por ter sido peça fundamental na tomada do controle da Faixa de Gaza e era acusado de ter planejado o sequestro do soldado Israelense Gilad Shalit.

³ Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2013/07/05/muslim-brotherhood-site-says-egypts-new-president-is-secretly-jewish/>> Acesso em: 15/03/2015

Mansour seria uma espécie de judeu disfarçado, o que foi muito mal visto pela Irmandade. Alguns amigos muçulmanos de minha confiança me ligaram na madrugada e me disseram que eu deveria tirar o grupo do país com urgência. Percebi que poderíamos ter problemas. Todos os demais turistas que estavam no Cairo haviam cancelado suas visitas aos museus e pirâmides, e nós estávamos sozinhos. Levei parte do grupo, somente os jovens, para a praça. Eu tinha alguns amigos árabes comigo que sempre foram de minha extrema confiança, estes por diversas vezes me auxiliaram em situações difíceis naquela região. Pedi a eles que ajudassem parte do meu grupo a conversar com os manifestantes, perguntando-lhes o que estava acontecendo e o que buscavam. As respostas eram diversas, entretanto, todos queriam algo diferente. Mais uma vez, queriam mudanças; porém, não tinham um plano. Queriam mudar mas não sabiam o que ou para quem mudar. Estavam preocupados em tirar a Irmandade da liderança no Egito e mais uma vez conseguiram gerar um vácuo de poder no país - fator que foi muito bem aproveitado pelo exército. Era uma revolução jovem, mas havia muitos idosos dormindo em barracas na praça. Podíamos ver mães com seus filhos durante o dia. À noite, o ambiente ficava descontrolado.

Os manifestantes gritavam por vários nomes, um deles era o de Al Baradei. Na noite anterior, muitas mulheres tinham sido violentadas em plena praça Tahrir. O clima era de caos. Na praça Rabea al Adaiya estava a concentração dos manifestantes pró Irmandade Muçulmana. Era uma manifestação de menor expressão, cercada pelo exército, ali o discurso político se misturava ao religioso, o grau de agressividade entre os manifestantes era menor, mas sempre que o exército entrava os ânimos acendiam.

Eu estava atônito. Vi o mesmo exército que havia espancado e matado alguns na praça Tahrir noites antes, fazendo corações e escrevendo “Love” com a fumaça dos caças no céu limpo de Julho.

Sáímos do Egito, passamos por Israel e fomos à Turquia. Nos hospedamos em frente à praça Taksim em Istambul. Durante o dia, tudo era calmo; mas, ao fim da tarde, chegava o forte policiamento e sempre havia confrontos. Parte dos moradores de Istambul queria fazer prevalecer suas heranças kemalistas, com seus direitos e forma laica de viver, enquanto o governo de Recep Tayyip Erdoğan, com apoio de religiosos do interior do país, desrespeitava a democracia turca e forçava tendências religiosas. Como era mês de Ramadã, as praças de Istambul, inclusive a Taksin, tinham mesas com comida para todos os que chegassem a tempo e estivessem dispostos a ouvir o serviço religioso.

Mesmo para nós que vínhamos da praça Tahrir no Egito, com todos excessos que o exército egípcio cometeu no primeiro momento das manifestações, conseguíamos ver na polícia turca algo muito mais agressivo e repressor.

Vários jovens que estavam comigo e foram às praças até hoje têm um grande interesse pelo Oriente Médio e por seus conflitos. Eles perceberam que as pessoas nas praças Tahrir e Taksim eram como eles, tinham vontades, família, eram seres humanos com suas lutas justas de acordo com suas percepções.

No ano seguinte, em 2014, cheguei à região em Julho, com quase 80 pessoas, em pleno conflito entre Israel e Gaza. O sentimento era totalmente diferente. O Egito estava sob a mão forte de Abdul Fatah Saeed Hussein Khalil Al-Sisi e Gaza havia perdido com a falta de Mohamed Morsi. O Hamas tinha grandes planos, com os túneis, e muito armamento estocado; mas, ao mesmo tempo, tinha as portas de entrada fechadas para novos arsenais. O povo de Gaza estava com medo do que poderia acontecer, o Hamas já não era visto com os mesmos olhos pelo povo palestino. Algumas partes da Cisjordânia estavam a ponto de convulsão. Na mente dos israelenses havia uma espécie de certeza que dizia: “a cada dois anos teremos um conflito com Gaza, eternamente. Isso faz parte de nossa rotina”.

Pais de soldados israelenses não queriam que seus filhos entrassem em Gaza. Tinham medo. Pois não acreditavam mais que uma operação terrestre poderia por fim aos conflitos. Para eles, o conflito deveria ser resolvido por meio de ataques aéreos e bombardeios, o que, do ponto de vista humanitário, teria um alto custo - comprometendo a população civil muitas vezes pouco simpática ao Hamas. Os dois lados sabiam que este era mais um conflito que não resolveria a situação, mas que a mídia exploraria ao extremo.

Os ataques foram mais fortes de ambos os lados, o Hamas estava mais preparado e muito mais ousado, tinha estratégia, sabia usar bem melhor as barreiras humanas e principalmente a mídia. Israel tomava sempre decisões estratégicas do ponto de vista operacional, o que por vezes era uma desgraça do ponto de vista político, já que filmava todas as operações e sabia que ia ter que se justificar internacionalmente e na mídia. Por várias vezes era possível ver mísseis lançados pelo Hamas cortando o espaço aéreo israelense. As sirenes tocavam com mais constância. Sabíamos que a retaliação israelense seria agressiva e que civis morreriam do outro lado sem nenhum tipo de culpa, a não ser o fato de terem nascido sob aquelas condições políticas. Estávamos

proibidos de chegar perto de Gaza. As pessoas que estavam nos ônibus que eu acompanhava ouviram argumentos israelenses e palestinos. Vários lados, de várias moedas, muitas narrativas controversas e ao mesmo tempo verdadeiras. Naquele ano meu grupo voltou extremamente impactado com tudo que viu, mas ao mesmo tempo trouxe consigo a tônica pessimista de quem vive há tanto tempo em meio ao conflito perene: “Esta é a nossa vida e temos que nos acostumar”; “As coisas não vão se resolver tão cedo”; “Isso nunca vai acabar”; “não existe um culpado, existem muitos culpados”.

O cenário de conflito é propício para manipulações e distorções dos fatos. Interesses se confundem com necessidades, a dinâmica de guerra do Estado se mescla com a retórica de grupos de interesses e os tomadores de decisão podem facilmente ser influenciados por todos os lados, sem contarmos com o forte papel da mídia tanto local como internacional sob o conflito. Muitas vezes, tudo que recebemos da mídia não é realmente a vontade e os desejos dos moradores da região.

As lembranças que eu guardo depois de quase uma década de muitas idas e vindas anuais à região, são as impressões que eu registrei das diversas narrativas de ambos os lados, somadas às impressões das pessoas que eu levei, todas com vários níveis de conhecimento dos conflitos na região. Quanto mais turbulenta a situação em que chegávamos, mais as pessoas despertavam interesse pelo Oriente Médio e por seus problemas. Quando chegávamos em situações de paz, o conflito era explicado, as pessoas escolhiam um culpado e voltavam para seu país praticamente com o mesmo sentimento e percepção com a qual haviam chegado àquela geografia. Estar com turistas de diversas realidades, durante vários conflitos naquela mesma região, me fez perceber que eles desenvolviam interesse diferenciado e superior em relação às pessoas, em vista de quando acompanhavam o conflito somente pela mídia, ou mesmo quando conheceram a região em tempos de paz. Os conflitos os fizeram perceber e sentir uma necessidade mais forte de tentar compreender os contextos religiosos, políticos e de segurança das regiões visitadas.

A postura daqueles que chegaram à região durante os conflitos era muito diferente. Os grupos saíram sem definir um culpado. Perceberam que em ambos os lados, havia pessoas comuns com interesses diversos. Que a maioria dos cidadãos presentes em todos os conflitos que vivenciamos tinham aspirações em comum com os turistas chocados com a situação que estava em curso. Só queriam ir ao mercado, ter

liberdade, não ter medo, poder ter seus filhos na escola com segurança, ter empregos, poder de compra, direitos, dignidade, soberania e serem reconhecidas.

A impressão das impressões que eu adquiri em anos de atividade em uma fração do Oriente Médio é que estar em grupos durante os conflitos, conhecendo pessoas com narrativas diferentes, de alguma forma, nos humanizou. Percebemos que não eram bárbaros, e o que queriam, de ambos os lados, não era diferente do que queremos para nós.

